

EDUCAÇÃO DE PESSOAS IDOSAS: REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE NO NORTE DO TOCANTINS

Fabíola Andrade Pereira¹
Adriano Filipe Barreto Grangeiro²
Marcia Degani³

RESUMO

O trabalho apresentado buscou fazer uma investigação acerca da educação e aprendizagem ao longo da vida, relacionada à terceira idade. O lócus de estudo foi Educação de Pessoas Jovens e Adultas enquanto campo teórico e prático, na qual buscamos compreender em que medida o fenômeno do envelhecimento tem sido considerado parte substantiva das discussões e ações que envolvem a temática. Nesse sentido, o ponto de partida para este estudo foi a experiência educativa com idosos oriundos da Universidade da Maturidade do Tocantins (UMA). Buscamos discorrer sobre um sujeito que é ignorado em diferentes frentes (pelas políticas previdenciárias, sanitárias e educacionais). Um sujeito que não encontra no âmbito público e estatal um espaço para renovar e atualizar seus conhecimentos e que tem encontrado na experiência da Universidade um meio para se reinventar e se compreender enquanto ser inconcluso e, portanto, consciente de sua inconclusão. Metodologicamente nosso trabalho faz uma incursão pela pesquisa bibliográfica e, por vezes, explicativa. Por ter a UMA da UFT, no Tocantins como referência, a metodologia é inspirada no estudo de caso enquanto método de análise.

Palavras-chave: Educação Popular. Educação e Aprendizagem ao longo da Vida. Educação de Idosos. Envelhecimento. Universidade da Maturidade

INTRODUÇÃO

Fazemos parte de um mundo onde somos convidados a pensar sobre a urgência e necessidade de juntos, homens e mulheres, independentemente da cor, opção sexual, religião e idade construirmos uma sociedade que seja capaz de assegurar e garantir direitos e espaços para consumação da vida em todos os seus momentos, de várias formas e em diferentes tempos.

¹ Doutora em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Educação da UFPB. Graduação em Pedagogia. Professora Adjunta da UFT - Universidade Federal do Tocantins no Câmpus de Tocantinópolis no Curso de Pedagogia. Membro do grupo de Pesquisa (PROGERO). Contato: fabagnes@uft.edu.br

² Doutorando do Curso de Gerontologia da Universidade Católica de Brasília, DF. Mestre em Saúde do Adulto e da Criança da Universidade Federal do Maranhão. Graduação em Fisioterapia e Educação Física. Professor Assistente da Universidade Federal do Tocantins no Câmpus de Tocantinópolis no Curso de Educação Física. Membro do Grupo de Pesquisa (PROGERO). Contato: filipe@uft.edu.br

³ Doutoranda do Curso de Gerontologia da Universidade Católica de Brasília, DF. Mestre em Gerontologia pela PUC-SP. Graduação em Fonoaudiologia. Contato: marciadegani@yahoo.com.br;

Somos conduzidos a olhar e desafiados a compreender à luz das mudanças sociais, econômicas e políticas que ocorrem no mundo e cujo reflexo recai, diretamente, na vida de cada um de nós, que a educação é vista como possibilidade de transformação social, pois ela é considerada um instrumento fundamental na construção da cidadania e um direito humano acima de tudo. Assim, um dos principais papéis reservados a ela consiste em dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento (DELORS, 1999).

Assistimos nas últimas décadas, um crescimento expressivo do número de idosos em todo o mundo e da discussão que envolve o envelhecimento humano e suas interfaces. A literatura que descreve e analisa esse fenômeno tem se ampliado a partir de diversas disciplinas e perspectivas tornando-o um campo intelectual em constante construção. Nesse sentido, um indicador desse crescimento tem sido a expansão de estudos voltados ao tema e a execução de ações e práticas educativas realizadas em diferentes espaços, como, por exemplo, a Universidade da Terceira Idade.

O foco de estudo priorizado neste trabalho, foi a Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EPJA), de onde se partiu para buscar compreender *a priori* em que medida o fenômeno do envelhecimento tem sido considerado parte substantiva das discussões e ações que envolvem esta temática.

Partiu-se da premissa de que as diferentes experiências de aprendizagens na EPJA têm assumido papel importante diante do fenômeno do envelhecimento humano e este, por sua vez, tem constituído parte inerente das discussões que envolvem uma educação para todos, sem limite de idade e aprendizagem ao longo da vida, pois, se entende que a longevidade acentua em larga medida o valor da educação enquanto processo temporal e que a Educação de Idosos não é algo predeterminado, ela tem sido construída a partir das necessidades das pessoas e nos diferentes tempos e espaços.

Porém, muito embora tenha se percebido uma disponibilidade razoavelmente extensa acerca de estudos que tratam dessas questões, parece que o conceito de Educação de Idosos não tem sido suficientemente discutido, o que tem resultado em registro de ações e/ou práticas pouco fundamentadas, fato que implicou um esforço ainda maior de nossa parte.

Destarte, começou-se por observar por meio dos dados demográficos que a pirâmide etária tem sofrido mudanças significativas em sua estrutura em todo o mundo, e com isso um movimento em prol do envelhecimento humano tem ganhado força, tornando-o assim um dos temas fundamentais do debate mundial. Nesse sentido a universidade enquanto instituição promotora do conhecimento tem estado atenta a essas questões, pois, tem acolhido a

necessidade de compreender o envelhecimento humano sob diferentes ordens, sobretudo porque ela está a serviço da pessoa humana e de toda a sociedade.

Nesse contexto, ousa-se socializar e revisitar os caminhos que nos conduziram até aqui, à medida que se tem clareza de que foi a UMA, utilizada como referência para este estudo e cujas reflexões empreendidas permitiram compreendê-la enquanto espaço educativo que concebe aprendizagem como elemento fundamental para a qualidade de vida e o bem-estar de adultos e idosos, que incitou o desejo e a curiosidade para compreender mais a fundo tal questão, pois se percebe que o sujeito idoso e o fenômeno do envelhecimento são, de certa forma, preocupações que podem ser vistas pela ótica da EPJA.

Nesse sentido, busca-se discorrer sobre um sujeito que foi durante muito tempo negligenciado sob diferentes perspectivas (políticas previdenciárias, sanitárias e educacionais). Um sujeito que não tem encontrado no âmbito público e estatal um espaço para renovar e atualizar seus conhecimentos, mas que tem encontrado na experiência da Universidade da Terceira Idade um meio para se reinventar e compreender enquanto um ser inacabado e, portanto, consciente de sua inconclusão, de sua incompletude. Isso porque, onde há vida, há inacabamento (FREIRE, P., 1997, p. 55).

E para isso buscou-se de maneira específica analisar a Universidade da Maturidade do *campus* de Tocantinópolis, no estado de Tocantins, para entender o significado da Educação de Idosos e o papel que a universidade tem tido na busca por esse tipo de educação.

METODOLOGIA

Para empreender esta análise epistemológica buscou-se identificar, face à vitalidade do movimento de Educação Popular na América Latina, bem como à transição estrutural do processo demográfico experimentado em todo o mundo e suas consequências no âmbito educacional, as ideias que convergem para um novo horizonte ético e político e que se acentuam no cerne do debate latino-americano conclamando uma educação para toda a vida, sem fronteiras e sem limites de idade.

Destarte, esta discussão aponta para o reconhecimento do idoso enquanto sujeito de direitos em uma conjuntura na qual a própria sociedade o nega. É essa a razão pela qual optamos por utilizar o Estudo de Caso, como método de pesquisa, pois a literatura aponta que nos últimos anos, avolumam-se inúmeros trabalhos que utilizam o Estudo de Caso como método (YIN, 2001; ELLET, 2008; MEKSENAS, 2002), metodologia (ANDRÉ, 2005) e/ou

como estratégia de pesquisa (MARTINS, 2008). Isso porque sua utilização incorpora procedimentos importantes que, em certa medida, validam uma análise profunda e intensa de um determinado fenômeno, fato que permite o seu amplo e detalhado conhecimento.

Com base nesses elementos, pode-se apreender que o Estudo de Caso, embora tenha sido por muito tempo “estereotipado como o ‘parente pobre’ entre os métodos de ciência social” (YIN, 2001, p. 10), constituiu para este trabalho, uma ferramenta importante à medida que nos permitiu fazer uso de algumas técnicas e instrumentos como a observação e a entrevista, bem como o uso dos grupos focais nos possibilitando manipular uma ampla variedade de evidências e/ou documentos que nos possibilitaram entender a Universidade da Maturidade.

DESENVOLVIMENTO

Por meio da (re) composição teórica e empírica a que este trabalho foi submetido e diante da (re) construção metodológica que conduziu todo nosso caminhar optamos por tecer este trabalho a partir de três temas centrais.

O primeiro buscou pontuar reflexões sobre a Educação Popular na contemporaneidade com base em uma releitura desse movimento político pedagógico na década de 90, do século XX. O intuito era tratar o tema articulado a alguns elementos essenciais (Educação de Pessoas Jovens e Adultas; Educação e aprendizagem ao longo da vida e Educação de idosos) no intuito de perceber quais eram os diálogos estabelecidos entre si, pois se entende que a Educação Popular tem assumido e reconhecido novas demandas e perspectivas.

Autores como Beisiegel (2008), Paludo (2006), Gadotti (1999) e Freire (2001) - uma das principais influências da Educação Popular no Brasil - e tantos outros teóricos apontam uma variedade de caminhos, direções e experiências que vêm ao longo dos tempos ressignificando sua concepção enquanto prática pedagógica e teoria educacional surgida em “confronto com os projetos educativos estatais que não representavam ou até afetavam os interesses populares” (GADOTTI; TORRES, 1994, p. 08). Ela é, portanto, um dos marcos mais férteis da experiência latino-americana, posto que vislumbra um horizonte emancipatório e sinaliza a necessidade de dialogar com novos temas e novas tendências.

Assim, não existe uma única forma de apreendê-la; ela é, portanto, um campo social e intelectual em constante construção, na medida em que se vão consolidando as redes e espaços de produção e discussão de ideias e propostas entre atores coletivos e individuais que

agenciam práticas e discursos educativos populares.

A assertiva de que envelhecimento é um campo de estudo transdisciplinar é nosso segundo ponto de discussão. Este se justifica quando buscamos estabelecer o diálogo com outros campos científicos tais como a saúde e a psicologia, posto que buscava-se compreendê-lo à luz de sua evolução histórica. Assim, a compreensão do tema ao longo da história foi necessária para tornar clara suas principais tendências e seu impacto nos fatores políticos, sociais, econômicos e educacionais.

Assim, no que se refere ao processo de envelhecimento, alguns elementos se tornam essenciais para que o mesmo possa ser compreendido na sua inteireza. A compreensão do seu conceito tem agregado ao longo dos tempos várias definições/aspectos (cronológico, fisiológico, biológico, social, psicológico, entre outros). Trata-se de um processo único para cada pessoa, onde ocorrem inúmeras alterações biopsicossociais. Por outro lado, convém aclarar que a diferenciação das velhices individuais tem outras causas (saúde, família), haja vista que a multiplicidade de aspectos assumidos pela velhice aponta também que a condição de classe tem determinado a maneira pela qual o indivíduo é surpreendido por ela.

Pode-se ponderar que o envelhecimento constitui um processo vital inerente a todos os seres humanos. E que a velhice enquanto etapa da vida é uma construção social e, portanto, parte integrante de um ciclo natural. Muito mais que uma consequência natural do envelhecimento, a velhice é, em si, uma experiência singular, onde o sujeito que a vivencia é munido de histórias e experiências que são provenientes do contexto socioeconômico, cultural e étnico em que cada um está inserido (DEBERT, 2004).

No terceiro momento fizemos uma reflexão acerca da universidade e o fenômeno do envelhecimento. O papel ativo das universidades trouxe à tona a necessidade de compreender o envelhecimento humano sob diferentes ordens. Assim, concebido enquanto um campo de investigação em crescente ascensão o envelhecimento gera - face à realidade brasileira e aos dados empíricos e censitários disponíveis - um lugar de realce suscitando uma pluralidade de compreensões.

A preocupação com a formação educacional continuada dos idosos somada à busca por alternativas de melhores condições de vida, e ainda à necessidade de que este sujeito possa estar continuamente preparado para acompanhar as transformações ocorridas no mundo, acarretam a necessidade de se criar espaços que sejam vistos como alternativas educacionais. Nesse sentido, destacam-se as Universidades Abertas à Terceira Idade que no contexto que ora pontuamos, consolidam-se como alternativas, pois têm dado à velhice maior

expressividade, uma vez que buscam favorecer, através de suas atividades, o bem-estar subjetivo, contribuindo, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos que as procuram.

A criação desses espaços tem sido na verdade, como afirma Luís Jacob:

uma resposta social porque combate o isolamento e a exclusão social dos mais velhos, [...], incentiva a participação dos seniores na sociedade, divulga os direitos e oportunidades que existem para esta população e reduzem o risco de dependência, uma vez que é tida enquanto um polo de convívio para essa população com as diferentes gerações. (JACOB, 2003, p. 04).

São “Programas educativos de caráter universitário e multidisciplinar voltados a adultos e idosos” (CACHIONI, 2008, p. 207), e têm como pressuposto principal a noção de que as diferentes atividades desenvolvidas nesse espaço visam à promoção da saúde, do bem-estar psicológico e social e à cidadania dessa clientela genericamente chamada terceira idade.

No Tocantins a oferta de cursos voltados para o público idoso se expressou inicialmente por meio da Universidade da Maturidade (UMA) em Palmas, capital do estado, onde fica a coordenação geral do Programa e a sede administrativa. Nesta, que foi considerada uma experiência piloto no estado, as atividades tiveram início no ano de 2006 com 50 alunos (cujas idades são superiores aos 45 anos) e cuja média de inscrição chegou a 350.

Para fins de entendimento, convém pontuar que a estrutura organizacional da Universidade Federal do Tocantins (UFT), que atualmente tem 16 anos de implantação, comporta 07 *campi* ou pólos distribuídos em todo o território estadual, a saber: Palmas, Porto Nacional, Gurupi, Miracema do Tocantins, Arraias, Araguaína e Tocantinópolis no extremo-norte do estado.

Em 26 de fevereiro de 2006, a UMA/UFT é concretizada oficialmente e institucionalizada no âmbito da Universidade Federal do Tocantins como uma ideia inovadora, pois apresenta ao público tocantinense uma proposta pedagógica voltada à melhoria da qualidade de vida e, além disso, parte do princípio de que a intergeracionalidade é fator fundamental, uma vez que suas ações buscam não só inserir o acadêmico idoso na universidade, mas, sobretudo, propicia momentos de interação desses com os graduandos dos mais variados cursos, e isso se traduz na convivência saudável das diferentes gerações e no respeito ao outro reduzindo, a nosso ver, possíveis estereótipos.

A UMA/UFT tem buscado, durante todos esses anos, através de sua proposta, acolher homens e mulheres com 45 anos ou mais propiciando, aos mesmos, reflexões que tratam da temática do envelhecimento humano pelo viés da Gerontologia Social e Educacional. Dentro de um enfoque interdisciplinar traz um currículo dinâmico e flexível, pois esta (interdisciplinaridade) “deve ser, igualmente, o fio condutor da formação de recursos humanos no campo, entre eles os professores de Universidades da Terceira Idade” (CACHIONI; NERI, 2012, p. 03).

De certo a presença desses pólos nas localidades mencionadas, sobretudo aquelas que compartilham com a presença de um *campus* da Universidade Federal do Tocantins, tem soado de maneira positiva, e a prova cabal dessa assertiva se dá pelo fato de percebermos que tanto a velhice quanto o processo de envelhecimento têm ganhado um lugar de realce em todo o estado do Tocantins. Assim, tanto na universidade quanto em outros espaços, a população idosa tocantinense tem sido socialmente reconhecida, isso significa que passos importantes estão sendo dados, e a UMA/UFT tem buscado trabalhar para que os idosos sejam de fato respeitados como cidadãos de primeira classe.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo clarificou que o paradigma da Educação Popular aglomera, ao longo de sua história, conceitos e práticas diversas que são cimentadas por uma causa comum: superar as desigualdades sociais. Nesse conjunto de experiências, ricas em significações pedagógicas, a Educação de Idosos constitui uma nova e importante peça que surge para ampliar o leque de cores, fixando-se nesse mosaico como um novo desafio aos dilemas da Educação Popular e da EPJA.

Uma educação que tenha o poder de promover um envelhecimento ativo, que visa estimular dentre outras questões, a habilidade cognitiva, o bem-estar e a imagem do idoso junto à sociedade e a qualidade de vida. Essa compreensão dá lugar à ideia de que a qualidade de vida ressoa como uma experiência pessoal e coletiva do bem que se constrói de maneira interna e interativa, de dentro para fora.

Nessa perspectiva, a universidade enquanto instituição promotora do conhecimento, tem tido um papel importante no trato do envelhecimento. Tal instituição tem procurado não só aprofundar o conhecimento e compreensão deste fenômeno - que sabemos é extensível a todo mundo - mas tem procurado, através de suas ações no campo do ensino, da pesquisa e da

extensão, encontrar pistas sobre possíveis respostas aos desafios relacionados à saúde, à educação e à qualidade de vida das populações envelhecidas.

Assim, ela tem sinalizado não só a necessidade de abrir as janelas àqueles que desejam aprender na idade mais avançada, mas também tem ajudado a dar visibilidade às necessidades culturais, educativas, sociais e psicológicas a esse novo segmento etário.

Tal percepção nos permite afirmar que tanto a velhice (fase da vida) quanto o envelhecimento (processo) da população continuarão a suscitar, cada vez mais estudos, atraindo um grande número de pesquisadores nas mais variadas áreas do conhecimento e especialidades, porque o tema em questão não constitui mais um privilégio e nem um objeto de estudo apenas das ciências da saúde, ela tem se movimentado também nas ciências econômicas, jurídicas, humanas e nas políticas sociais, impulsionando uma coalizão teórica e extremamente importante. Nesse sentido, a noção de completude entre todas as áreas constitui o caminho que une concepções e ideias que aparentemente estão separadas.

Pode-se afirmar que esses avanços contribuem para o estabelecimento de um espírito de otimismo científico e político-social de grande importância. Essa compreensão serve para evidenciar a importância da educação nesse processo, uma vez que ela é tida como um instrumento valioso na promoção de uma velhice ativa e bem-sucedida, podendo ser também considerada fator de mediação social para uma vida de qualidade.

Com a presença da UMA /UFT no estado do Tocantins, os idosos tiveram a oportunidade de preencher o tempo livre, posto que o acesso à educação os fez compreender que o espaço da universidade poderia lhes trazer novos conhecimentos e propiciar novos contatos com pessoas das mais diferentes gerações. De fato, isso representa a possibilidade de tomar parte da construção do seu desenvolvimento pessoal e social como cidadãos críticos.

Como as demais experiências espalhadas no país, a UMA/UFT, tem atuado de forma livre para criar grades curriculares e determinar o tempo de duração de forma que esses cinco eixos se constituem como balizas e alimentam o curso que tem duração de 360 horas, distribuídas em 18 meses, nos quais os acadêmicos tem que cumprir na íntegra para receber o título de: “Educador Político Social do Envelhecimento Humano”. Com um sistema curricular dinâmico, busca respeitar a cultura local, proporcionando ao acadêmico a possibilidade de conhecer a interdisciplinaridade da Gerontologia.

O curso oferecido pela UMA/UFT ela tem sido ao longo desses anos, uma possibilidade de transformação da velhice em todo estado, pois permite extrair rótulos e contradizer mitos relacionados ao processo de envelhecimento. Neste, os idosos procuram

ressignificar a outra metade de suas vidas, pois o aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser constituem a base de todo processo que conduz à aprendizagem que acreditamos são fundamentais e serão de algum modo para cada indivíduo os pilares do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transição estrutural do processo demográfico experimentado em todo o mundo com suas consequências no âmbito educacional nos colocou diante de uma forte tendência: dialogar sobre educação e envelhecimento. E o diálogo, como preconizado na Educação Popular, surgiu com base em ideias e preceitos construídos ao longo da história e que afirmo deve constituir-se enquanto razão de ser de qualquer boa pedagogia.

As evidências mostraram que precisávamos compreender a singularidade de cada ser humano nos diferentes momentos da existência. Era necessário discutir uma educação sem limites de idade, sem fronteiras e para toda a vida. Pensar uma educação que tenha o caráter transformador e emancipador. Uma “vocação pedagógica dirigida ao diálogo solidário, à gratuidade e à partilha amorosa de bens e serviços, de sentimentos e sentidos” (BRANDÃO, 2005, p. 30). Esses elementos ajudam a reforçar a importância e o papel fundamental da educação para manter a cada dia essa população ativa e produtiva.

O princípio norteador e fundamental da aprendizagem ao longo da vida (*lifelong learning*) que perseguimos por meio dessa pesquisa frisa ser este não apenas mais um dos aspectos da educação e da aprendizagem, mas um “princípio diretor que garante a todos o acesso às ofertas de educação e de formação, em uma grande variedade dos contextos de aprendizagem” (COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES, 2000, p. 03), possibilitou um olhar amplo e o rompimento de alguns mitos face aos preconceitos perpetuados ao longo da história acerca da velhice e do processo de envelhecimento no seu aspecto multidimensional.

A compreensão desse conceito de educação reside em estabelecer a sinergia entre diferentes modos de aprendizagem. Ela – a aprendizagem - não deve ser somente, e unicamente, uma ampliação de fases da vida (para toda a vida), ao contrário, a experiência educativa com idosos mostrou que ela deve também se ampliar para todos os domínios da vida humana.

Sabemos, porém, que a Educação Popular se configura e reconfigura como algo

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

próprio e inerente à história da Educação e, apesar de ainda não ter tido a relevância necessária na academia, vemos que ela não faz distinção entre os sujeitos (jovens, adultos e idosos) excluídos do processo educativo, ela busca essencialmente trabalhar com seres humanos nos diversos espaços, onde os diferentes modos de aprendizagem se encontram para se complementarem.

Os estudos realizados deixaram claro ainda que é possível fomentar através de programas e projetos educativos como a UMA, habilidades físicas e cognitivas nas pessoas idosas. A formação propiciada por esses espaços deve ser compreendida enquanto um processo de construção diante das trajetórias de vida dos diversos sujeitos.

Assim, a vitalidade dessas ações tem reflexos positivos não só na literatura e esse estudo mostrou avanços significativos nesse sentido. As aprendizagens partilhadas surgem como potenciais indutores de reflexões, pois, como vimos, a **Educação de Idosos** passa nos últimos anos por um processo de grande amadurecimento (conceitual e metodológico). Ela engloba processos de ensinar e aprender que se entrecruzam num fluxo contínuo de troca de saberes.

A universidade enquanto artefato social e agente promotora desses saberes tem em larga medida responsabilidade nesse sentido. Ela tem se constituído enquanto espaço não só de confluências de conflitos, onde o pensar e o refletir são feitos e refeitos de maneira constante, mas, sobretudo, um espaço propício à transformação social. Este estudo mostrou que a extensão universitária, tida como umas das funções da universidade, foi a porta de entrada, por onde a temática da velhice e do envelhecimento ganhou notoriedade.

Destacamos, ainda, que este estudo se tornou importante porque trouxe à tona a necessidade de refletir a velhice e o fenômeno do envelhecimento sob a ótica da EPJA e da Educação Popular, permitindo-nos entender que nessa etapa da vida há espaço para grandes aprendizagens. Assim, romper esse paradigma torna-se uma necessidade mais que urgente no cenário educacional brasileiro, pois como vimos, o Brasil caminha a passos céleres com relação ao envelhecimento de sua população.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

BEISIEGEL, Celso Rui. **Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire**

no Brasil. Brasília: Liber Livro, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Canção das sete cores**: um estudo para a paz. São Paulo: Contexto, 2005.

CACHIONI, Meire. Universidade da terceira idade. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Palavras-chave em Gerontologia**. 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2008. (Coleção Velhice e Sociedade).

CACHIONI, Meire; NERI, Anita Liberalesso. Educação e velhice bem sucedida no contexto das Universidades da Terceira Idade. In: NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica, S. (Org.). **Velhice bem sucedida**: aspectos afetivos e cognitivos. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Vivacidade).

CACHIONI, Meire; PALMA, Lúcia Soccomori. Educação Permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1456-1466.

COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES. **A memorandum on lifelong learning**. Lisbon, 2000.

DEBERT, Guita Grin. A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myrian Moraes e Lins de (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999.

ELLET, Willian. **Manual de estudo de caso**: como ler, discutir e escrever casos de forma persuasiva. Tradução de André de Godoy Vieira. Porto Alegre: Bookman, 2008.

GADOTTI, Moacir. Educação de jovens e adultos: correntes e tendências. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (Org.). **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, 1999.

GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos A. (Org.). **Educação popular**: Utopia latino-americana. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa, 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa Social e Ação Pedagógica**: conceitos, métodos e práticas. São Paulo, Loyola, 2002.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.